

REMATE DE MALES

Campinas-SP, (37.1): pp. 471-475, Jan./Jun. 2017

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Mutações da literatura no século XXI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

Fernanda A. do Nascimento Alves

Em *Mutações na literatura do século XXI*, Perrone-Moisés se propõe a dar continuidade às discussões apresentadas em *Altas literaturas* (1998), no qual analisa as preferências literárias – o cânone – de um seletivo grupo de escritores-críticos. Se no texto de 1998 Perrone-Moisés tomava como objeto de estudo representantes da “alta literatura”, no livro recém-publicado tem lugar uma revisão – sujeita, contudo, como se verá, aos mesmos critérios de antes – do conceito de literatura.

Dividido em duas partes, o livro reflete primeiramente sobre os novos contornos teóricos do literário para depois se deter sobre escritores da atualidade. O primeiro capítulo se abre com a conceituação de literatura a partir de Derrida e Sartre para chegar à noção de declínio. Para tanto, a autora recorre a Blanchot, Paz e Barthes, em cujos textos rastreia ideias em torno, respectivamente, do “desaparecimento da literatura”, do “fim da ideia de arte moderna” e da “morte da literatura”. Sem se ater às especificidades e aos matizes de cada proposição teórica dos autores citados,¹ Perrone-Moisés se concentra na ideia de “fim” – que povoou não somente os discursos críticos da literatura, como também as Humanidades em geral, no século XX –, mas recorda que nenhuma das mortes anunciadas – a da literatura, a do homem, a da história etc. – se concretizou de fato. Propõe, desse modo, o conceito de “mutação”, pois

¹ Em “Sartre, Barthes e Blanchot”, Perrone-Moisés (2007) explora as nuances do literário e da própria noção de fim nas obras desses autores. Nesse artigo, aparece também a referência à herança, ideia a ser comentada mais adiante.

o que teria morrido seria um tipo de literatura – a da alta modernidade –, como já havia afirmado Paz, e não as práticas literárias, como atesta o grande volume de publicações atuais, dentre as quais a autora escolhe como eixo de suas análises o romance.

Para conformar uma nova teoria desse gênero, Perrone-Moisés elenca brevemente as ideias de Lukács, Adorno, Sarraute, Simon, Fuentes, Kundera, Vargas Llosa, Pamuk, Coetzee, Lodge, Sontag, Franzen, e destaca pontos de vista coincidentes: a incapacidade de o romance abarcar na totalidade a vastidão e a complexidade do mundo e de representar o conjunto de uma sociedade. A autora desmistifica as principais características adjudicadas às obras ditas pós-modernas: a intertextualidade, a paródia, a metalinguagem, a fragmentação, o ludismo, a ironia, a abertura do sentido, a presença de objetos populares, o fim da separação entre alta cultura e cultura de massa não seriam atributos próprios da literatura pós-moderna, mas recursos frequentes em obras literárias desde sempre e “consumidos” pelos escritores de hoje. Recusando a tais atributos uma qualidade distintiva, a autora opta pelas denominações “literatura contemporânea” e “modernidade tardia”, das quais seleciona, para a organização dos capítulos da segunda parte do livro, escritores internacionalmente representativos, traduzidos em várias línguas e de valor consensualmente reconhecido por críticos também de vários países.

Estão assentadas as bases em que se fundarão as análises do que a autora chamará de mutações na literatura contemporânea: o aparato teórico usado para examinar a alta literatura e medir seu valor e representatividade continua vigorando, já que a maior parte dos capítulos vai se articular em torno da herança deixada pelos grandes Livros, pela Literatura com maiúscula – para uns entendida como a essência do cânone (Bloom), para outros apenas um dom legado às gerações posteriores (Sallenave). No entanto, tal herança é para a autora, como propõe Derrida, material a ser transformado, vivificado, passível de desconstrução. Vislumbrando uma possível acusação de conservadorismo e elitismo, Perrone-Moisés (p. 33) afirma que se trata “de conservação não como imobilismo e fechamento ao novo, mas como conhecimento da tradição sem a qual não se pode avançar” e de “uma seleção visando a preservar o melhor do que já foi feito até hoje, e de uma resistência ao tsunami da indústria cultural”.

Ao descrever as características das obras escolhidas, Perrone-Moisés alude à autorreferencialidade e à metaliteratura não como marcas

específicas da literatura contemporânea, mas como algo que se acentuou na virada de século XX – a exemplo da obra, repleta de personagens do mundo literário, de Vila-Matas, que, na opinião de Perrone-Moisés (p. 123), conseguiu “transformar o ‘fim da literatura’ num tema inesgotável, numa forma de a manter viva”. Outros dois autores arrolados são Michel Houellebecq e Ricardo Lísias. Nessa mesma linha se encontram romances que rendem homenagem à memória de grandes “escritores-heróis da literatura passada”: o texto de Julian Barnes sobre Flaubert; Michon e Le Clézio sobre Rimbaud; Tsípkín e Coetze sobre Dostoiévski; Lodge sobre James; Cunningham sobre V. Wolf; Saramago sobre Pessoa.

A crítica aborda ainda a figura do espectro, “que nos coloca em relação com um outro, de outro tempo, que não está presente, mas não cessa de voltar” (p. 151). Referindo-se ao espectro da obra de Dostoiévski no livro de Tsípkín, afirma que “resta ao romancista de nosso tempo apenas a crença no valor literário de seus antecessores, cuja herança ele honra, escrevendo apesar de tudo” (p. 159).

A persistência da tradição na literatura contemporânea também se daria na extensão dos textos: em pleno século XXI, teria voltado à moda o romance longo, marcado por narradores oniscientes, pelo estilo indireto livre, pelos diálogos e descrições, formas já consagradas dos grandes romances dos séculos XIX e XX, nos moldes de Tolstói, Dickens e Balzac, aos quais teria sido acrescentado, segundo a autora, o estilo jornalístico e midiático da atualidade. Outro espectro a rondar os novos escritores seria o tema do amor, presente em obras aclamadas pelo público, tais como *Reparação*, de Ian McEwan; *O passado*, de Alan Pauls, e *Travessuras de uma menina má*, de Vargas Llosa, para citar apenas três exemplos nos quais a autora identifica um diálogo explícito ou implícito entre o texto atual e passado, seja como celebração, intertextualidade ou imitação. Também é objeto de análise a autoficção, para a qual Perrone-Moisés traça uma tradição, iniciada com *Os ensaios* de Montaigne ou *As confissões* de Rousseau, em vez de apresentá-la como um gênero novo.

Outra configuração possível da literatura contemporânea seria a ficção distópica, caracterizada por uma visão desencantada do presente, a exemplo da obra de Houellebecq, de Volodine e Tavares, e de Ricardo Lísias e Bernardo Carvalho no Brasil. Obras que, segundo a autora, assinalam os principais problemas do presente, numa pergunta pelo sentido do real já apontada por Barthes: “Se isso [‘eis o mundo: existe sentido nele?’] já era válido para a alta modernidade, torna-se ainda mais

adequado à modernidade tardia, quando a pluralidade, a dispersão e a falsificação dos sentidos do mundo o tornam quase incompreensível” (p. 237). Outra herança seria a da “literatura exigente”, que atuaria ainda no campo da experimentação, sobretudo com os gêneros literários, a exemplo de W. G. Sebald e Quignard, e de uma série de escritores brasileiros, que “assimilaram as vanguardas do século XX e desejam, agora, sair da modernidade para encontrar maneiras de dizer mais apropriadas para o século XXI” (p. 251), que “vão na contramão do discurso fácil da informação e do entretenimento” (p. 252).

Também se menciona no livro a tecnologia informática, que teria sido responsável apenas pelo aumento da velocidade e pelo aumento de visibilidade de novos escritores, mas não teria inaugurado novas práticas nem gêneros, nem tampouco aumentado a capacidade de leitura. Para comprovar tal afirmação, a autora toma como exemplo a resenha literária tal como praticada atualmente: publicações sobre coleções pessoais de internautas, em redes sociais, dedicadas a livros. Segundo a autora, não se verifica aí nenhuma herança literária nem critério que reja a seleção, quase sempre aleatória ou conduzida pela indústria cultural. Embora seja verdade que os leitores desse tipo de comunidade não se guiam por valores literários legitimados pela crítica especializada – cujo estatuto de autoridade tem se desfeito – nem estão sob o crivo de um filtro de qualidade, Perrone-Moisés acaba por não abordar um dado significativo: esses leitores médios, pouco afeitos aos desafios formais da alta literatura – na opinião da crítica especializada – se constituem, por meio da tecnologia e do meio digital, como agentes. Esse envolvimento dos leitores poderia ser um gesto a ser valorizado inclusive na escola, onde a disciplina literatura perdeu espaço, – instituição à qual a autora confere a função formativa do prazer da leitura e a inserção num universo literário superior, mais refinado do que as produções associadas ao mundo do consumo.

Na defesa do ensino da literatura, a autora acaba criticando não só o apagamento do texto literário do currículo da educação básica,² mas também a inserção na escola de ideias advindas da Sociolinguística: a sala de aula teria sido alijada tanto do cânone literário quanto da norma padrão. Cabe, contudo, mencionar que, ao fazer tal afirmação, Perrone-Moisés acaba deixando à margem de sua análise a heterogeneidade – em termos de etnia e classe social – do público escolar, contemplada com a

² O apagamento da literatura no currículo é tema de “Literatura para todos” (PERRONE-MOISÉS, 2006).

transposição didática do conceito de variedade linguística ao contexto da sala de aula. Associar a crítica ao elitismo à tentativa de proteger o aluno da complexidade da literatura borra também as reivindicações em torno das vozes e dos sujeitos representados nos textos eleitos para conformar o currículo escolar.

Herança, genealogia, linhagem, filiação são palavras-chave para compreender a abordagem de *Mutações da literatura no século XXI*. O livro se apresenta como uma celebração da sobrevivência da grande literatura no mundo contemporâneo: “A literatura de ficção da modernidade tardia é assombrada pelo espectro da alta modernidade. Qualificada de ‘pós-moderna’, ela carrega esse ‘pós’ como um fardo do qual deseja se livrar, mas que a condiciona de maneira persistente” (p. 149). Assim, a alta literatura ainda é a medida, a régua para estabelecer as novas linhagens do contemporâneo: “O que é contemporâneo é o modo de ler as obras do passado, e a persistente atualidade das obras antigas é uma medida de seu valor” (p. 254).

O que se retrata em todos os capítulos é o poder iluminador da literatura, sua força e sua potência libertadora – ideias ainda fortemente ligadas à alta modernidade, à qual Perrone-Moisés se filia. É inegável que a autora aborda as diversas mutações pelas quais passou a literatura de nossos tempos atuais, mas o faz a partir de um recorte específico, sem se desligar de sua herança, da tradição literária em que se forjou como crítica. E, em função desse recorte, nas margens, ainda fora de foco, ficam outras produções que não se enquadrariam nos critérios elencados na apresentação da obra; obliteram-se fatores como a busca por representatividade por parte de grupos como os gays, feministas, os multiculturalistas, que, segundo a autora, teriam ganhado espaço nas universidades em função dos estudos culturais e por constituírem novos nichos de mercado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Altas literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Literatura para todos. *Literatura e sociedade*, São Paulo, nº 9, dez. 2006, pp. 16-29. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ls/article/view/19709>>. Acesso em: 17 abr. 2017.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Sartre, Barthes e Blanchot. In: QUEIROZ, André et al. *Barthes / Blanchot: um encontro possível?* Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.